

VOLTA ÀS ORIGENS: “MONDO”, DE J. M. G. LE CLÉZIO, E A RESSIGNIFICAÇÃO DA ORDEM VIGENTE

Felipe Guimarães GONÇALVES*

- **RESUMO:** Este artigo propõe uma análise da novela “Mondo”, presente na coletânea *Mondo et autres histoires*, de Jean-Marie Gustave Le Clézio, publicada em 1978. Enfocou-se nesse texto as experiências vividas pelo protagonista, que questionam e ressignificam a cultura eurocêntrica. Com apoio das reflexões de Bhabha, observa-se que Le Clézio traz influências de culturas de povos que foram silenciados no passado, notadamente a cultura indígena, para valorizá-las no tempo presente. Percebe-se, portanto, que o protagonista, insatisfeito com a cultura eurocêntrica, vive, assim como povos originários, em perfeita união com a natureza. Com base nas reflexões de Derrida sobre a ética da hospitalidade, foi analisado também como a chegada de Mondo na cidade questiona a hospitalidade jurídico-moral vigente.
- **PALAVRAS-CHAVE:** J. M. G. Le Clézio. Literatura pós-colonial. Cidade. Natureza. Ética da hospitalidade.

Introdução

“Mondo” é a primeira novela da coletânea *Mondo et autres histoires*, de Jean-Marie Gustave Le Clézio, autor franco-mauriciano, publicada em 1978. Seu protagonista, cujo nome intitula a novela, é um menino de mais ou menos dez anos que chega a uma cidade, muito provavelmente localizada no sul da França, sem que ninguém saiba de onde veio e quem são seus pais. “*Peut-être qu’il était arrivé après avoir voyagé longtemps dans la soute d’un cargo, ou dans le dernier wagon d’un train de marchandises qui avait roulé lentement à travers le pays, jour après jour, nuit après nuit.*” (LE CLÉZIO, 1978, p. 12)¹ Apesar das incertezas quanto à origem

* Bolsista FAPEMIG. Doutorando em Letras – Estudos Literários. UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras – Programa de Pós-graduação em Letras – Estudos Literários – Pós-LIT. Belo Horizonte – MG – Brasil. 31.270-901 – felipe_gonzalves@hotmail.com.

¹ “Talvez ele tenha chegado depois de ter feito uma viagem por muito tempo no porão de um navio de carga, ou no último vagão de um trem de mercadorias que teria atravessado lentamente o país, dia

e o seu *status* familiar, o menino acaba fazendo várias amizades, pessoas em sua maioria marginalizadas na sociedade, como artistas de rua, pescadores, jardineiros, idosos e aposentados. Na cidade, ele faz pequenos trabalhos, pede aos idosos para ler revistas, come com eles. No entanto, ele não mora nesse lugar. Durante o dia, perambula pela cidade e, à noite, ele se abriga à beira do mar, ou seja, na natureza, lugar onde se sente plenamente bem, espaço onde encontra a harmonia perfeita.

Quando Mondo encontra a *Maison de la Lumière d'Or*, casa da vietnamita Thi Chin, ele deixa de viver à beira-mar e passa a ter uma casa. Localizada no alto da colina, ele a avistava quando estava próximo ao mar, e a casa sempre lhe chamava a atenção: “[...] *avec ses arbres et sa belle lumière qui brillait sur les façades des villas et rayonnait dans le ciel comme une auréole*” (LE CLÉZIO, 1978, p. 41)². No fim do dia, ele sempre retornava à *Maison de la Lumière d'Or*, tamanha era a sua identificação com o lugar e também com Thi Chin. No entanto, esse não era o seu destino final. A liberdade de Mondo não durou muito. O menino acabou sendo levado para um abrigo para menores. Sem liberdade, não resta a ele outra coisa a fazer senão fugir. É impossível para Mondo viver preso. Ele segue sua viagem à procura de sua liberdade. Para François Marotin, que dedica um estudo às novelas presentes no livro *Mondo et autres histoires*, ele é “*petit génie de la lumière et du rêve, il est un être de liberté qui s’attache à la beauté du monde*” (MAROTIN, 1995, p. 47)³.

Volta às origens: para além da cultura ocidental

É comum, nas obras de Le Clézio, crianças e adolescentes ocuparem um lugar privilegiado; em *Mondo et autres histoires* não é diferente. Por que Le Clézio se propõe a mostrar o mundo a partir do olhar desses meninos? Segundo Konaté,

Tout d’abord l’écrivain trouve qu’ils sont d’une incroyable et émouvante beauté. Leur manière de voir le monde est pure car elle n’a pas encore été déformée par les théories scientifiques des adultes. Les enfants ont ce pouvoir instinctif de créer une véritable complicité avec tout ce qui les entoure : les objets, les plantes, les animaux, les étoiles... C’est comme s’ils vivaient dans un autre temps, fort, splendide, loin du temps corrompu des adultes. (KONATÉ, 2006, p. 323)⁴

após dia, noite após noite.” Todas as citações em francês foram traduzidas pelo autor e encontram-se em nota de rodapé.

² “[...] com suas árvores e sua bela luz que brilhava sobre as fachadas das casas e irradiava no céu como uma auréola.”

³ “[...] pequeno gênio da luz e do sonho, ele é um ser de liberdade que valoriza a beleza do mundo.”

⁴ “Primeiramente, o escritor acha que eles são de uma inacreditável e emocionante beleza. A maneira

É na natureza que Mondo recupera um saber negligenciado pelo mundo moderno. A natureza tem para o menino uma grande importância. É entrando em contato com ela que ele vive um outro tempo, não corrompido pelos adultos, ao qual Konaté se refere.

Segundo François Marotin,

Avec Mondo, en effet, surgit un être qui n'a pas été (dé)formé par une éducation unilatéralement rationaliste, par une pensée scientifique et technique ravalée au rang de matérialisme mercantile – et il n'est point fortuit que Mondo apprenne à lire et à écrire avec le « vieil homme au visage d'Indien ». Parce qu'il apporte implicitement tout ce dont le monde occidental s'est mutilé depuis la conquête de l'Amérique [...]. Pour l'écrivain qui s'est plu à déclarer non sans une ostentation provocatrice : « Je suis un Indien », Mondo représente tout ce qu'il y a d'essentiel à ses yeux. (MAROTIN, 1995, p. 36)⁵

Para Homi K. Bhabha, uma das principais mudanças do nosso tempo foi colocar a questão da cultura na esfera do **além**. “Nossa existência hoje é marcada por uma tenebrosa sensação de sobrevivência, de viver nas fronteiras do ‘presente’ [...]” (BHABHA, 2013, p. 19). Estar na fronteira do presente, para o crítico indobritânico, é não abandonar o passado e inseri-lo no presente. O que Bhabha afirma é que estamos, a partir da modernidade, num momento de trânsito em que espaço e tempo se cruzam, ou seja, o presente está sempre em contato com o passado e vice-versa. Há um distúrbio de direção, segundo ele, “que o termo francês *au-delà* capta tão bem – aqui e lá, de todos os lados, *fort/da*, para lá e para cá, para frente e para trás” (BHABHA, 2013, p. 19).

Segundo Bhabha,

Estar no “além”, portanto, é habitar um espaço intermédio, como qualquer dicionário lhe dirá. Mas residir “no além” é [...] ser parte de um tempo revisionário, um retorno ao presente para redescrever nossa contemporaneidade cultural; reinscrever nossa comunalidade humana histórica; *tocar o futuro em seu lado de cá*. (BHABHA, 2013, p. 28)

deles de ver o mundo é pura, pois ainda não foi deformada pelas teorias científicas dos adultos. As crianças têm este poder instintivo de criar uma verdadeira cumplicidade com tudo que as rodeia: os objetos, as plantas, os animais, as estrelas... É como se elas vivessem num outro tempo, forte, esplêndido, longe do tempo corrompido dos adultos.”

⁵ “Com Mondo, na verdade, surge um ser que não foi (de)formado por uma educação unilateralmente racionalista, por um pensamento científico e técnico influenciado pelo nível do materialismo mercantil – e não é nada fortuito que Mondo aprenda a ler e a escrever com o ‘velho homem de aparência Indígena’. Porque ele traz implicitamente tudo o que o mundo ocidental mutilou desde a conquista da América [...]. Para o escritor que se satisfaz em declarar, não sem uma ostentação provocativa: “Eu sou um indígena”, Mondo representa tudo o que há de essencial aos seus olhos.”

Ao apresentar um protagonista que se identifica com a natureza e mostra a sua importância, Le Clézio está trazendo a influência da cultura de povos que foram silenciados no passado e valorizando-os no tempo presente; no caso do menino, é valorizada, notadamente, a cultura de povos indígenas. Mondo é um personagem que está em trânsito, logo está na fronteira, traz referências, em plena metrópole ocidental, de costumes, comportamentos e tradições originárias. Ao mesmo tempo que busca viver conforme preceitos que vão além daqueles aceitos pela cultura reinante, ele passa a viver na cidade por opção. No entanto, é preciso enfatizar que a vivência no espaço urbano se dá à maneira dele. Mondo não segue as regras impostas pela sociedade: não tem casa, não tem origem, não tem família, não vai à escola. O menino é um ser sem referências e para ele não há nenhum problema em ser assim.

É por isso que Mondo não ocupa um espaço central na sociedade em que se passa o enredo da narrativa, principalmente pelo fato de estar sempre questionando, mesmo que intuitivamente, o modo de viver e pensar ocidental. Portanto, o espaço ocupado por Mondo é o da fronteira. É um personagem que se encontra no limite de modos de viver e pensar distintos.

Para Bhabha, o que é inovador, a partir da modernidade, é a necessidade de passar além das narrativas iniciais e focalizar os momentos em que as diferenças culturais são articuladas. “É na emergência dos interstícios – a sobreposição e o deslocamento de domínios da diferença – que as experiências intersubjetivas e coletivas de nação [*nationness*], o interesse comunitário ou o valor cultural são negociados.” (BHABHA, 2013, p. 20). Ainda segundo Bhabha,

O presente não pode mais ser encarado simplesmente como uma ruptura ou um vínculo com o passado e o futuro, não mais uma presença sincrônica: nossa autopresença mais imediata, nossa imagem pública, vem ser revelada por suas descontinuidades, suas desigualdades, suas minorias. (BHABHA, 2013, p. 24)

Passado e presente são reescritos principalmente a partir da vivência e dos questionamentos provenientes das minorias e de suas desigualdades e descontinuidades. Mondo deixa a cidade, não frequenta a escola e suas regras, reescreve no presente um modo de viver buscando inspirações num passado interrompido. É adotando um modo de vida próximo ao dos indígenas que ele reescreve o presente. Além da importância dada à natureza em relação à cidade, é preciso enfatizar também que ele não é uma personagem adulta. Mondo é uma criança, e Le Clézio evidencia que, por exemplo, para o povo Olmeca são as crianças que possuem o poder divino, por isso eles as veneram.

L'écrivain se souvient tout particulièrement de la civilisation amérindienne des Olmèques, parmi les peuples « le seul peut-être » au monde à ne pas s'être

contenté de vénérer la puissance adulte sous la forme de « géants debout sur les montagnes, régnant cruellement sur les déserts et les champs de bataille ». Les anciens Olmèques ont eu le culte des « dieux-bébés », des dieux qui rient et « des dieux pour rire, pour caresser et aimer ». Par là même, ils ont honoré « l’instant privilégié qui précède l’âge du savoir et du pouvoir. (MAROTIN, 1995, p. 63)⁶

O fato de o protagonista da novela ser uma criança colabora ainda mais para a desconstrução da cultura, do pensamento e do modo de viver reinante. As crianças ocupam um lugar privilegiado em relação aos adultos, pois precedem a idade do saber e do poder; ainda não foram contaminadas pela excessiva racionalidade cartesiana. Estão muito mais próximas do pensamento ameríndio do que do pensamento eurocêntrico. Fazem parte, portanto, de uma minoria que, junto com outras, reescrevem o presente.

Segundo Bhabha, é a metrópole ocidental que confronta a história pós-colonial e assume um espaço de hibridismo cultural. A cidade é o espaço que recebe os povos migrantes que trazem consigo “suas condições fronteiriças para ‘traduzir’ e, portanto, reinscrever o imaginário social tanto da metrópole como da modernidade.” (BHABHA, 2013, p. 27-28). O multiculturalismo das cidades, para o crítico indobritânico, traz consigo uma ideia de contramodernidade, que é mais uma vez o desejo de reconhecimento “de outro lugar e de outra coisa”, que leva a experiência da história para *além* da hipótese instrumental (BHABHA, 2013, p. 31).

Em “Mondo” o multiculturalismo se faz mais presente. Na cidade onde se passa a narrativa vivem muitos estrangeiros de quem Mondo se aproxima e se torna amigo. É também nos intertextos presentes na narrativa que se pode perceber que o menino tem interesse por outras culturas, principalmente pelas culturas periféricas.

Mesmo sem saber ler, Mondo se interessava pela leitura, que era feita geralmente pelos aposentados que passavam seu tempo livre nas praças da cidade. As duas revistas preferidas do menino eram *Kit Carson* e *Akim*.

À l’extrémité du jardin, il y avait un kiosque à journaux, Mondo s’arrêtait et choisissait un illustré. Il hésitait entre plusieurs histoires d’Akim, et finalement il achetait une histoire de Kit Carson. Mondo choisissait Kit Carson à cause du dessin qui le représentait vêtu de sa fameuse veste à lanières. Puis il cherchait un banc pour lire l’illustré. Ce n’était pas facile, parce qu’il fallait que sur le banc il y ait quelqu’un qui puisse lire les paroles de l’histoire de Kit Carson.

⁶ “O escritor se lembra particularmente da civilização ameríndia dos Olmecas, entre os povos ‘os únicos talvez’ no mundo a não se contentar em venerar o poder adulto sob a forma de ‘gigantes em pé sobre as montanhas, reinando cruelmente sobre os desertos e os campos de batalha’. Os antigos Olmecas tiveram o culto dos ‘deuses-bebês’, deuses que riam e ‘deus para rir, para cariciar e amar’. Por isso mesmo, eles honraram ‘o instante privilegiado que precede a idade do saber e do poder’.”

Juste avant midi, c'était la bonne heure, parce qu'à ce moment-là il y avait toujours plus ou moins des retraités des Postes qui fumaient leur cigarette en s'ennuyant. (LE CLÉZIO, 1978, p. 16)⁷

Kit Carson é uma revista de quadrinhos italiana cujo herói, que dá título à HQ, trava guerras em defesa dos indígenas a fim de manter intacta a cultura deles. *Akim*, por sua vez, é também uma história em quadrinhos, igualmente italiana, na qual o herói que dá título à revista vive na floresta, conhece seus encantos, comunica-se com os animais e com os povos nativos e luta pela preservação da natureza.

Nota-se que, apesar de a narrativa se passar na França, as referências de heróis para o menino são personagens que vivem na natureza e lutam para a sua preservação. Analisando esses dois intertextos, Ana Camarani afirma que: “O menino representaria uma etapa posterior à colonização, ou seja, os efeitos desse processo; sua guerra é travada na cidade, como um marginal que busca sobreviver em um país estrangeiro”. (CAMARANI, 2012, p. 230). Mondo, na cidade, numa metrópole ocidental, confronta a história pós-colonial, é um imigrante sem uma origem específica, é uma criança que nega se entregar ao pensamento cartesiano eurocêntrico e evidencia a importância e a beleza da natureza. Na vivência do menino são ecoadas, portanto, culturas não eurocêntricas muitas vezes não valorizadas.

Em seu livro de ensaios, *L'Extase matérielle* (1967), Le Clézio se mostra crítico ao pensamento cartesiano ocidental e questiona principalmente a noção de cultura veiculada pelos conhecimentos tipicamente europeus.

Pour dire d'un homme, qu'il est civilisé, on dit souvent « cultivé ». Pourquoi ? Qu'est-ce que cette culture ? Souvent, trop souvent, cela veut dire que cet homme sait le grec ou le latin, qu'il est capable de réciter des vers par cœur, qu'il connaît les noms des peintres hollandais et des musiciens allemands. La culture sert alors à briller dans un monde où la futilité est de mise. Cette culture n'est que l'envers d'une ignorance. Cultivé par celui-ci, inculte pour celui-là. Etant relative, la culture est un phénomène infini ; elle ne peut jamais être accomplie. Qu'est-il donc, cet homme cultivé que l'on veut nous donner pour modèle ? (LE CLÉZIO, 1967, p. 42-43)⁸

⁷ “Na extremidade do jardim havia uma banca de jornal, Mondo parou e escolheu uma revistinha. Ele hesitou entre muitas histórias de *Akim* e finalmente comprou uma história de *Kit Carson*. Mondo escolheu *Kit Carson* por causa do desenho que o representava vestido com a sua famosa jaqueta de fitas. Depois procurou um banco para ler a revistinha. Não era fácil, porque era preciso que nos bancos houvesse alguém que pudesse ler as falas da história de *Kit Carson*. Pouco antes do meio-dia era a melhor hora, porque nesse momento havia sempre mais ou menos aposentados dos Correios que fumavam os seus cigarros entediados.”

⁸ “Para dizer que um homem é civilizado, dizemos frequentemente ‘culto’. Por quê? O que é essa cultura? Frequentemente, muito frequentemente, isso quer dizer que esse homem sabe grego ou latim,

É desse conjunto: cultura eurocêntrica, pensamento ocidental e modo de vida urbano que Mondo foge. Ele não se sente bem numa sociedade produto de uma inteligência cartesiana, analítica e organizadora, em que não há espaço para o abstrato, só para o mecanizado. É disso que o protagonista foge e propõe valorizar outras formas de viver, outras formas de ver o mundo. O menino não se restringe às regras institucionalizadas da cidade, não está disposto a viver como marionete, mas sim conforme suas vontades, ele quer é extrair o máximo que o mundo pode lhe oferecer.

Mondo, por exemplo, nunca frequentou a escola. Ela é como uma prisão onde se vive enclausurado. Além do mais, é também sinônimo de afastamento do lado lúdico e poético da vida que se manifesta quando está em contato com a natureza. A escola é pragmática demais, é onde impera a razão cartesiana e isso acaba não satisfazendo os reais anseios do menino: viver livre, longe de toda regra e automatismo e, assim, estar em comunhão com toda a beleza que o rodeia.

A escola é, dessa forma, o lugar da cidade onde não é possível imperar a magia, o sonho, a evasão, ou seja, não há espaço para a individualidade e a personalidade. Kadioglu mostra que muitas vezes as personagens leclezianas recusam o eurocentrismo e, por isso, procuram e desejam se instalar “*ailleurs*”, ou seja, em outro lugar. O autor evidencia que, no mundo moderno,

L'individualité des êtres s'estompe au profit de cet immense mouvement général. Le temps de l'individu s'aligne et s'incline, il adopte une sorte de rythme, de célérité (ou de latence) qui annule sa personnalité et fait de lui un mouton... Les gens ont perdu leur capacité à rêver (à penser) leur chance de s'évader, ils ne savent même plus porter sur le monde un regard étonné, émerveillé ou même interrogatif. (LATASTE, 1997, p. 26 apud KADIOĞLU, 2007 p. 128)⁹

O fato de a personagem negar a escola, enquanto espaço institucionalizado, salienta que, para a sociedade moderna na qual vivemos, isso significa o abandono da seriedade e um incentivo ao ócio. Dessa maneira, a vontade daqueles que tentam escapar das regras impostas pela sociedade é logo reprimida. Não há espaço para

que ele é capaz de recitar versos de cor, que ele conhece os nomes dos pintores holandeses e dos músicos alemães. A cultura serve então para brilhar num mundo onde a futilidade é necessária. Essa cultura é somente o inverso de uma ignorância. Culto para alguns, inculto para outros. Sendo relativa, a cultura é um fenômeno infinito; ela não pode ser nunca concluída. O que é, portanto, esse homem culto que nos querem impor como modelo?”

⁹ “A individualidade dos seres se desvanece em proveito desse imenso movimento geral. O tempo do indivíduo se alinha e se inclina, ele adota uma espécie de ritmo, de celeridade (ou de latência) que anula sua personalidade e faz dele uma ovelha... As pessoas perderam sua capacidade de sonhar (de pensar) sua chance de evadir, elas não sabem nem mesmo olhar o mundo com surpresa ou mesmo com um olhar maravilhado ou interrogativo.”

a brincadeira, para o sonho, para a magia. Só há espaço para a razão. Christophe-Édouard Konaté sintetiza a importância dada ao trabalho em oposição à brincadeira na sociedade moderna ao analisar as personagens crianças e adolescentes dessa obra:

Dans la vie ordinaire, on établit toujours une distinction nette entre le travail et le jeu. Le premier est largement valorisé : un citoyen responsable, digne de ce nom, se doit de travailler pour subvenir à ses besoins et à ceux de sa famille. Le fait d'exercer un emploi favorise l'épanouissement personnel et la reconnaissance. Le travail constitue donc l'une des bases de la vie sociale ; et tout ou presque y est lié : l'obtention d'un logement, la fondation d'une famille, la subsistance quotidienne, le statut social... Naturellement le deuxième élément, le jeu, se trouve largement relégué au plan secondaire, car il est considéré comme étant une activité peu importante, futile et à laquelle on ne doit s'adonner qu'auprès le travail, qui est l'activité sérieuse, responsable. Les enfants n'échappent pas à ces considérations : ils se doivent d'aller à l'école afin de se former pour exercer plus tard une profession. Au jeu n'est réservé que la modique place laissée par le travail scolaire, période appelée non sans raison « le temps libre ». (KONATÉ, 2006, p. 330)¹⁰

A escola cumpre, então, o papel de moldar a criança conforme o adulto ideal: ter uma profissão, uma casa, uma família, e por isso Mondo não a frequenta. A cultura ocidental não dá importância a outras maneiras de viver e de se relacionar com o mundo, de modo que tudo acaba sendo organizado para manter um *status* social. Em nome de um *status*, abdica-se da brincadeira, do sonho e da magia, só a seriedade tem lugar garantido.

Fugindo do método de ensino convencionado nas escolas, mesmo fora dela a aprendizagem se faz presente no cotidiano do protagonista de uma maneira pouco convencional: ensino, oralidade e escrita, teoria e natureza, racionalidade e subjetividade se misturam. Não é só dentro da sala de aula que existe aprendizado. Nega-se o ensino institucionalizado, responsável por tornar o indivíduo culto

¹⁰ “Na vida ordinária, estabelecemos sempre uma distinção clara entre o trabalho e a brincadeira. O primeiro é amplamente valorizado: um cidadão responsável, digno desse nome, deve trabalhar para sustentar suas necessidades e de sua família. O fato de exercer um emprego favoriza a plenitude pessoal e o reconhecimento. O trabalho constitui, portanto, uma das bases da vida social; e tudo ou quase tudo está ligado a isso: a aquisição de uma habitação, a fundação de uma família, a subsistência cotidiana, o *status* social.... Naturalmente, o segundo elemento, a brincadeira, encontra-se amplamente relegada ao plano secundário, pois ela é considerada como uma atividade pouco importante, fútil e à qual só se deve dar importância após o trabalho, que é a atividade séria, responsável. As crianças não escapam dessas considerações: elas devem ir à escola a fim de se formar para exercer mais tarde uma profissão. À brincadeira só é reservado o módico lugar deixado pelo trabalho escolar, período chamado não sem razão de ‘tempo livre’”.

segundo os moldes eurocêntricos, e Mondo aprende o alfabeto a partir de sua realidade de vida, a partir de imagens da natureza. É na praia, com a ajuda de um homem desconhecido de pele morena, que se parecia com um indígena, que ele tem o seu primeiro contato com a escrita.

De uma maneira lúdica e totalmente diferente da convencional, Mondo aprende o alfabeto. Sua leitura, portanto, será também diferente, pois, na língua aprendida pelo menino, letras não se juntam para formar fonemas. Mondo aprende a ler a partir de imagens.

L'homme avait pris dans son sac de la plage un vieux canif à manche rouge et il avait commencé graver les signes des lettres sur les galets bien plats. En même temps, il parlait à Mondo de tout ce qu'il y a dans les lettres, de tout ce qu'on peut y voir quand on les regarde et quand on les écoute. Il parlait de A qui est comme une grande mouche avec ses ailes repliées en arrière ; de B qui est drôle, avec ses deux ventres, de C et D qui sont comme la lune, en croissant et à moitié pleine, et O qui est la lune tout entière dans le ciel noir. Le H est haut, c'est une échelle pour monter aux arbres et sur le toit des maisons ; E et F, qui rassemblent à un râteau et à une pelle, et G, un gros homme assis dans un fauteuil ; I danse sur la pointe de ses pieds, avec sa petite tête qui se détache à chaque bond, pendant que J se balance ; mais K est cassé comme un vieillard, R marche à grandes enjambées comme un soldat, et Y est debout, les bras en l'air et crie : au secours ! L est un arbre au bord de la rivière, M est une montagne ; N est pour les noms, et les gens saluent de la main, P dort sur une patte et Q est assis sur sa queue ; S, c'est toujours un serpent, Z toujours un éclair ; T est beau, c'est comme le mât d'un bateau, U est comme un vase. V, W ce sont des oiseaux, des vols d'oiseaux, X est une croix pour se souvenir. (LE CLÉZIO, 1978, p. 61)¹¹

¹¹ “O homem tinha pegado em sua bolsa de praia um velho canivete de cabo vermelho e começou a gravar sinais de letras nas pedras bem achatadas. Ao mesmo tempo, ele falava com Mondo de tudo o que tinha nas letras, de tudo o que se pode ver quando as vemos e quando as escutamos. Ele falava que o A é como uma grande mosca com suas asas dobradas para trás; o B é engraçado, com seus dois ventres, o C e D são como a lua, nova e minguante, e o O é a lua cheia no céu preto. O H é alto, é uma escada para subir nas árvores e nos tetos das casas; o E e o F parecem com um ancinho e com uma pá, o G, um homem gordo sentado numa poltrona; o I dança na ponta dos pés, com sua pequena cabeça que se separa em cada salto, enquanto que o J se balança; mas o K está quebrado como um velhote, o R anda a passos largos como um soldado, o Y está de pé com os braços levantados, gritando por socorro! O L é uma árvore à beira de um rio, M é uma montanha; N é para os nomes e para as pessoas que se cumprimentam com a mão, o P dorme sobre uma pata e o Q está sentado sobre seu rabo; S é sempre uma serpente, Z é sempre um raio; o T é bonito, é como mastro de um barco, U é como um vaso. V, W são pássaros, voos de pássaros, X é uma cruz para se lembrar.”

Após sua primeira aula e seu primeiro contato com o alfabeto, Mondo pode agora ler. A primeira palavra a ser compreendida pelo menino é seu nome:

« Regarde. C'est ton nom écrit, là. » / « C'est beau ! » disait Mondo. « Il y a une montagne, la lune, quelqu'un qui salue le croissant de lune, et encore la lune. Pourquoi y a-t-il toutes ces lunes ? » / « C'est dans ton nom, c'est tout », disait le vieil homme. « C'est comme ça que tu t'appelles. » (LE CLÉZIO, 1978, p. 61-62).¹²

O alfabeto é todo relacionado a elementos naturais, uma vez que professor e aluno se encontravam na natureza e foi utilizado o que havia ao redor durante a “aula”. Apesar de ser o alfabeto latino o ponto de partida para a leitura, cria-se, portanto, um método de leitura iconográfico em que pouco importam os fonemas. Nota-se que a metodologia ocidental de leitura é desconstruída, e o menino que nunca teve um contato com o mundo letrado se vê apaixonado pelas letras. Ele aprende a ler brincando, a partir do que havia à sua volta,

car pour écrire une langue, il ne suffit pas d'un dictionnaire et d'une grammaire : il faut autre chose. C'est justement à ce moment qu'il fallait autre chose et que, cette autre chose c'était la digestion, la transsubstantiation, la transmutation de ce qu'on recevait en lisant. Toute cette chimie s'opère en vue d'écrire, en quelque sorte, d'affirmer son existence, et ce qu'on est, à travers les mots. (ROUSSEL-GILLET, 2011, p. 18)¹³

A experiência de escrita e leitura para os dois amigos torna-se, dessa maneira, uma experiência pessoal. A racionalidade é abandonada, dando lugar ao sonho e à magia de transformação que a natureza proporciona. As letras, na leitura de Mondo, ganham força vinda da matéria, ocorre uma “transsubstanciação”, como diria Roussel-Gillet. Não importa mais a junção de letras para formar um sentido, pois por si só elas já são alguma coisa. As letras, as palavras, a leitura se transformam, elas se transmutam no que há de mais belo e perfeito no mundo para Mondo: a natureza.

Além do velho homem que ensina Mondo a ler, ele possui uma relação muito forte com vários outros adultos, muitas vezes pessoas que vivem à margem da

¹² “‘Veja. É o seu nome escrito lá.’ / ‘Que bonito!’”, disse Mondo. ‘Tem uma montanha, a lua, alguém que cumprimenta a lua nova, e ainda a lua. Por que tem todas essas luas?’ / ‘É o seu nome, é só isso’, disse o velho homem. ‘É assim que você se chama’.”

¹³ “[...] pois, para escrever uma língua, não basta um dicionário e uma gramática: era preciso outra coisa. É justamente nesse momento em que é preciso outra coisa e que essa outra coisa era a digestão, a transsubstanciação, a transmutação do que se recebia lendo. Toda essa química se opera a fim de escrever, de certo modo, afirmando sua existência, e o que se é, através das palavras.”

sociedade. Para Christophe-Édouard Konaté, as crianças se interessam por essas pessoas “excluídas”, pois elas

nous enseignent que, contrairement aux apparences, les exclus sont les derniers à savoir des choses très importantes et très anciennes dont l’homme moderne ne soupçonne même pas l’existence [...]. Derniers êtres vivants en harmonie avec la nature, ces exclus jouent le rôle d’initiateurs. (KONATÉ, 2006, 327)¹⁴

O protagonista cria, portanto, um vínculo com adultos “invisíveis” da cidade, pois estes o acolhem, seja doando comida, seja dando abrigo e atenção. São eles: Giordan, o pescador; Marcel, o trabalhador que o ensina a ler; Gitan, Cosaque e Dadi, que ganhavam a vida fazendo apresentações pela cidade, e os aposentados dos Correios, que sempre liam para Mondo suas histórias preferidas.

A iniciação, da qual fala Konaté, que os personagens adultos possibilitam a Mondo se faz a partir da aprendizagem, que muitas vezes é transmitida oralmente, resgatando, principalmente, o antigo hábito de contar histórias, próprio de culturas não ocidentais e forma primeira de transmitir conhecimentos.

Mondo conhece seu primeiro amigo, Giordan, o pescador, num dia em que estava sentado próximo ao mar, admirando e ouvindo suas ondas, e que, mesmo antes de Marcel, lhe oferece para o ensinar a ler e a escrever. Giordan lhe conta histórias sobre a África ao ver um navio que passava no mar cujo nome era Eritreia. O nome aguça no menino uma curiosidade. “« *Qu’est-ce que ça veut dire, le nom du bateau ?* » demandait Mondo. « *Erythrea ? C’est un nom de pays, sur la côte de l’Afrique, sur la mer Rouge* »” (LE CLÉZIO, 1978, p. 20)¹⁵. O pescador caracteriza geograficamente o país e o continente para o menino. Diz que a África está muito longe, que é um país onde faz muito calor, há muito sol, e que há também desertos, palmeiras, praias. Conta como é o dia a dia dos moradores na praia, aguçando sempre a curiosidade de Mondo. A conversa chega ao fim quando Giordan lhe conta uma anedota:

Sur une petite île, il y a un pêcheur avec toute sa famille. Ils vivent dans une maison en feuilles de palmier, au bord de la plage. Le fils aîné du pêcheur est déjà grand, il doit avoir ton âge. Il va sur le bateau avec son père, et il jette les filets dans la mer. Quand il les retire, ils sont remplis de poissons. Il aime beaucoup partir avec son père sur le bateau, il est fort et il sait déjà bien

¹⁴ “[...] nos ensinam que, contrariamente às aparências, os excluídos são os últimos a saber das coisas mais importantes e mais antigas cuja existência o homem moderno nem supõe [...]. Últimos seres vivos em harmonia com a natureza, esses excluídos têm um papel de iniciadores.”

¹⁵ ““O que quer dizer o nome do barco?”, perguntou Mondo. ‘Eritreia? É um nome de um país, localizado na costa da África, no mar Vermelho’.”

manœuvrer la voile pour prendre le vent. Quand il fait beau et que la mer est calme, le pêcheur emmène toute sa famille, ils vont voir des parents et des amis dans les îles voisines, et ils reviennent le soir. (LE CLÉZIO, 1978, p. 22)¹⁶

Mondo viaja a partir das histórias e do encantamento das palavras do pescador e vê que, assim como ele, os moradores da África vivem em harmonia com a natureza, ou seja, possuem um modo de viver não ocidentalizado.

Gitan, Cosaque e Dadi, assim como Mondo, não possuíam moradia nem trabalho fixo, não eram da cidade e ninguém sabia qual era o verdadeiro nome nem a origem deles.

A cette époque-là il avait fait la connaissance du Gitan, du Cosaque et de leur vieil ami Dadi. C'étaient les noms qu'on leur avait donnés, ici dans notre ville, parce qu'on ne savait pas leurs vrais noms. / Quand la nuit tombait, Mondo allait voir Dadi sur l'esplanade. Il travaillait avec le Gitan et le Cosaque pour la représentation publique [...] / Mondo se mettait au premier rang de spectateurs, et il saluait Dadi. Maintenant, le Gitan commençait la représentation. Debout devant les spectateurs, il sortait des mouchoirs de toutes les couleurs de son poing fermé, avec une rapidité incroyable. Les mouchoirs légers tombaient par terre, et Mondo devait les ramasser au fur et à mesure. C'était son travail. (LE CLÉZIO, 1978, p. 25-27)¹⁷

É com Dadi, o mais velho do grupo, que Mondo mais se identifica. Depois das apresentações, os quatro sempre se reuniam para comer e beber algo, ocasiões que Dadi aproveitava para contar histórias ao menino:

Quelquefois le vieux Dadi parlait aussi, et Mondo écoutait ses paroles, parce qu'il était surtout question d'oiseaux, de colombes et de pigeons voyageurs. Dadi racontait avec sa voix douce, un peu essoufflée, les histoires de ces oiseaux

¹⁶ “Numa pequena ilha, há um pescador e toda a sua família. Eles vivem numa casa de folhas de palmeira, na beira da praia. O filho mais velho do pescador já é grande, deve ter a sua idade. Ele trabalha no barco com o pai dele e joga as iscas no mar. Quando ele as retira, elas estão cheias de peixes. Ele adora muito viajar com seu pai no barco, ele é forte e já sabe manobrar bem a vela para pegar o vento. Quando o tempo está bom e o mar calmo, o pescador leva toda a sua família, eles vão ver parentes e amigos nas ilhas vizinhas e voltam à noite.”

¹⁷ “Naquela época ele conheceu Gitan, Cosaque e o velho amigo deles, Dadi. Esses eram os nomes que lhe deram aqui na nossa cidade, porque não sabíamos o verdadeiro nome deles. / Quando a noite chegava, Mondo ia ver Dadi na esplanada. Ele trabalhava com o Gitan e com o Cosaque na apresentação pública [...]. / Mondo se sentava na primeira fileira dos espectadores, cumprimentava Dadi. Só então Gitan começava a apresentação. Em pé, em frente aos espectadores, ele tirava lenços de todas as cores de seu punho fechado, com uma rapidez inacreditável. Os lenços leves caíam no chão, e Mondo tinha que pegá-los à medida que eles caíam. Era o seu trabalho.”

qui volaient longtemps au-dessus de la campagne, quand la terre glissait sous eux avec ses rivières en méandres, les petits arbres plantés le long de routes pareilles à des rubans, les maisons aux toits rouges et gris, les fermes entourées de champs de toutes les couleurs, les prairies, les collines, les montagnes qui ressemblaient à des tas de cailloux. Le petit homme racontait aussi comment les oiseaux revenaient toujours vers leur maison, en lisant sur le paysage comme sur une carte, ou bien en naviguant aux étoiles comme les marins et les aviateurs. Les maisons des oiseaux étaient semblables à des tours, mais il n’y avait pas de porte, simplement des fenêtres étroites juste sous le toit. » (LE CLÉZIO, 1978, p. 29-30)¹⁸

Nas histórias contadas pelo velho, os protagonistas são sempre pássaros. Não por acaso, Mondo sempre gostava de ouvi-las, pois não há animal mais livre e viajante que o pássaro, além da riqueza de detalhes da caracterização dos lugares pelos quais as aves passam, o que também acaba fascinando o menino. Uma outra característica dessas histórias, como remarca Ana Camarani, é que a figura do pássaro migrador resgata uma fidelidade às origens não só geográficas, mas também um retorno à origem da cultura por meio das lendas e dos contos orais.

Por meio do mito do pássaro migrador que retorna à sua pátria original, nota-se uma lição de sabedoria relativa à fidelidade das origens; com efeito, as lendas e contos orais permitem às minorias culturais – a maioria dos personagens com quem Mondo se relaciona, mesmo que seja por pouco tempo – resgatar ou afirmar uma identidade cultural muitas vezes em via de desaparecimento. (CAMARANI, 2012, p. 233)

Se as histórias de Dadi sobre os pássaros trazem a imagem de liberdade e volta às origens, as de Giordan, o pescador, enobrecem a África, um continente muitas vezes renegado e esquecido. Thi Chin, amiga vietnamita de Mondo, por sua vez, resgata suas histórias asiáticas.

¹⁸ “Às vezes o velho Dadi falava também, e Mondo escutava suas falas porque tratavam principalmente de pássaros, de pombas e pombos viajantes. Dadi contava, com sua voz doce, um pouco ofegante, as histórias desses pássaros que voavam longamente acima do campo, quando a terra deslizava sob eles com seus rios em meandros, as arvorezinhas plantadas ao longo das estradas iguais a fitas, as casas com tetos vermelhos e cinza, as fazendas rodeadas de campos de todas as cores, os prados, as colinas, as montanhas que pareciam com um monte de cascalhos. O pequeno homem contava também como os pássaros voltavam sempre para a casa deles, lendo a paisagem como um mapa, ou até mesmo navegando nas estrelas como marinheiro e aviadores. As casas dos pássaros eram parecidas com torres, mas não havia porta, simplesmente janelas estreitas sob o teto.”

Quelquefois, quand la nuit était très noire, Thi Chin prenait un livre d'images et elle lui racontait une histoire ancienne. C'était une longue histoire qui se passait dans un pays inconnu où il y avait des monuments aux toits pointus, des dragons et des animaux qui savaient parler comme les hommes. (LE CLÉZIO, 1978, p. 48-49)¹⁹

As histórias contadas têm uma tripla função: enaltecer as origens de quem as conta, proporcionar ao menino a evasão para uma outra realidade e resgatar a sabedoria popular²⁰.

A chegada de Mondo e a ética da hospitalidade

Além do cosmopolitismo presente nas histórias, sejam elas contadas ou pela história de vida de seus amigos, há também que notar que Mondo parece ter vindo de outro lugar, conforme já dito, de outro país, talvez, que não se sabe qual é. Os habitantes da cidade não têm muitas informações a respeito do menino, principalmente sobre sua origem: *“Personne n'aurait pu dire d'où venait Mondo. Il était arrivé un jour, par hasard, ici dans notre ville, sans qu'on s'en aperçoive, et puis on s'était habitué à lui.”* (LE CLÉZIO, 1978, p. 11)²¹. Não se sabe ao certo qual é a sua origem, mas o que se pode dizer é que Mondo não é originário da Europa, sobretudo a partir de sua descrição física. *“C'était un garçon d'une dizaine d'année, avec un visage tout rond et tranquille, et des beaux yeux noirs un peu obliques.”* (LE CLÉZIO, 1978, p. 11)²². O rosto redondo e os olhos oblíquos nos levam a pensar que o menino seja originário de algum país oriental ou que até mesmo seja aborígene.

Além de ter uma origem desconhecida, ele também não possui casa nem família e, por isso, está à procura de alguém que possa hospedá-lo. Ele possui então uma outra maneira de cumprimentar certas pessoas: *“Quand il y avait quelqu'un qui lui plaisait, il arrêtait et lui demandait tout simplement : Est-ce que vous voulez*

¹⁹ “Às vezes, quando a noite estava muito escura, Thi Chin pegava um livro de imagens e ela lhe contava uma história antiga. Era uma longa história que se passava num país desconhecido onde havia monumentos com telhados pontiagudos, dragões e animais que sabiam falar como os homens.”

²⁰ A volta às origens, aos mitos, a África e a Ásia são temáticas recorrentes na obra do autor, pois o espaço geográfico-poético de Le Clézio ultrapassa as fronteiras francesas. A África, a América, sobretudo a cultura pré-colombiana mexicana, e a Ásia estão presentes em sua obra. Uma outra recorrência em suas obras são personagens que, imersos nas culturas dos continentes acima listados, vivem em comunhão com a natureza.

²¹ “Ninguém pode dizer de onde tinha vindo Mondo. Ele chegou um dia por acaso aqui em nossa cidade, sem que pudesse ser percebido, e logo nos acostumamos a ele.”

²² “Era um menino de uma dezena de anos, com um rosto bem redondo e tranquilo e com belos olhos pretos, um pouco oblíquos.”

m’adopter?” (LE CLÉZIO, 1978, p. 11-12)²³. O pedido de adoção é um pedido de hospitalidade. Mondo precisa encontrar uma casa para não ser pego pela Ciapacan, *“la camionnette grise aux fenêtres grillagées [qui] circulait lentement dans les rues de la ville, sans faire de bruit, [...] à la recherche des chiens et des enfants perdus.”* (LE CLÉZIO, 1978, p. 24)²⁴. As pessoas num primeiro momento se interessavam pelo menino, no entanto, todos perguntavam-lhe onde estavam seus pais, onde ele morava, ou seja, espantavam-se com o fato de uma criança estar só e desamparada.

Les gens ne pouvaient pas l’adopter comme cela, tout de suite. Ils commençaient à lui poser des questions, son âge, son nom, son adresse, où étaient ses parents, et Mondo n’aimait pas beaucoup ces questions-là. Il répondait : / « Je ne sais pas, je ne sais pas ». / Et il s’en allait en courant. (LE CLÉZIO, 1978, p. 15)²⁵

Mondo está à procura de uma hospitalidade incondicional, que, segundo Derrida, no livro em que Anne Dufourmantelle convida o autor a falar *Da Hospitalidade*, difere da hospitalidade formal que impõe ao estrangeiro uma casa, uma linhagem, um grupo familiar ou étnico, ou seja, é preciso que ele esteja inscrito num direito, num costume, em uma moralidade objetiva. A hospitalidade incondicional, ao contrário, exige que o hospedeiro abra sua casa e não apenas ofereça abrigo ao estrangeiro (provido de um nome de família, de um estatuto social), mas também dê lugar ao outro absoluto, não lhe exija a entrada num pacto e nem mesmo pergunte o seu nome. “A lei da hospitalidade absoluta manda romper com a hospitalidade de direito, com a lei ou a justiça como direito”. (DERRIDA, 2003, p. 25)

Na cidade, Mondo se aproxima somente das pessoas que lhe acolhiam de forma incondicional, ou seja, não estavam preocupadas com seu nome, sua origem, sua família e com sua situação social. É o caso do jardineiro público que aguava as plantas todas as manhãs; dos aposentados dos Correios que se reuniam para jogar no jardim e que sempre liam histórias para o menino; dos feirantes que, em troca de algo para comer, Mondo sempre ajudava.

Ele gosta de Giordan, o pescador, “parce qu’il ne lui avait jamais rien demandé.” (LE CLÉZIO, 1978, p. 19)²⁶. Gitan, Cosaque e Dadi também recebem

²³ “Quando havia alguém que lhe agradava, ele parava e simplesmente lhe perguntava: Você quer me adotar?”

²⁴ “[...] a camionete cinza de janelas gradeadas [que] circulava lentamente nas ruas da cidade, sem fazer barulho, [...] em busca de cachorros e crianças perdidas.”

²⁵ “As pessoas não podiam adotá-lo assim, imediatamente. Elas começavam a lhe fazer perguntas, sua idade, seu nome, seu endereço, onde estavam seus pais, e Mondo não gostava muito desses tipos de questões. Ele respondia: / ‘Eu não sei, eu não sei’. / E saía correndo.”

²⁶ “[...] porque ele nunca tinha lhe perguntado nada.”

incondicionalmente Mondo, ou seja, sem lhe questionar sobre a sua origem, família e escola. Diferentemente, quando Mondo chega à *Maison de la Lumière d'Or*, Thi Chin o surpreende com a pergunta: “Quem é você?”. Assustado, o menino decide deixar o lugar, porém, contrariando sua vontade, ela o convida para entrar:

« Tu ne m'as pas dit qui tu étais », dit-elle. Sa voix était comme une musique douce. / « Je suis Mondo », dit Mondo. / La petite femme le regardait en souriant. Elle semblait plus petite encore sur sa chaise. / « Moi, je suis Thi Chin. » / « Vous êtes chinoise ? » demandait Mondo. La petite femme secouait la tête. / « Je suis vietnamienne, pas chinoise. » / « C'est loin, votre pays ? » / « Oui, c'est très très loin. » / Mondo buvait le thé et sa fatigue s'en allait. / « Et toi, d'où viens-tu ? Tu n'es pas d'ici, n'est-ce pas ? / Mondo ne savait pas trop ce qu'il fallait dire. / « Non, je ne suis pas d'ici », dit-il. Il écartait les mèches de ses cheveux en baisant la tête. La petite femme ne cessait pas de sourire, mais ses yeux étroits étaient un peu inquiets soudain. (LE CLÉZIO, 1978, p. 46)²⁷

Thi Chin resolve abrir a casa e hospedar o menino. Mondo, apesar das perguntas da vietnamita, que se limitaram ao primeiro encontro, aceita sua hospedagem e, ao fim de cada dia, sempre retornava à *Maison de la Lumière d'Or*.

Para Derrida, o hóspede muitas vezes é visto como um sujeito hostil, pois ameaça a interioridade do “em casa”. O filósofo franco-argelino demonstra, a partir dos estudos de Benveniste, que o radical latino da palavra “estrangeiro” é *hostis*. Dessa forma, há uma estreita relação entre hóspede e parasita, pois há na hospitalidade tradicional uma relação de poder que seleciona quem pode ser recebido; a fim de evitar a confusão entre hospitalidade e parasitagem, o hospedeiro tem a necessidade:

[...] de escolher, de eleger, de filtrar, de selecionar seus convidados, seus visitantes ou seus hóspedes, aqueles a quem ele decide oferecer asilo, direito de visita ou hospitalidade. Não há hospitalidade, no sentido clássico, sem soberania de si para consigo, mas como também não há hospitalidade sem finitude, a soberania só pode ser exercida filtrando-se, escolhendo-se, portanto escolhendo e praticando-se violência. (DERRIDA, 2003, p. 49)

²⁷ “‘Você não me disse quem você é’, disse ela. Sua voz era como uma música doce. / ‘Sou Mondo’, disse Mondo. / A pequena mulher o olha sorrindo. Ela parecia ainda menor na cadeira. / ‘Eu, eu sou Thi Chin.’ / ‘Você é chinesa?’, perguntou Mondo. A pequena mulher balançou a cabeça. / ‘Eu sou vietnamita, não chinesa.’ / ‘É longe o seu país?’ / ‘Sim, é muito, muito longe.’ / Mondo bebeu o chá e seu cansaço desapareceu. / ‘E você, de onde você é? Você não é daqui, não é?’ / Mondo não sabia muito o que devia dizer. / ‘Não, eu não sou daqui’, disse ele. Ele espalhava as mechas de seus cabelos com a cabeça abaixada. A pequena mulher não cessava de sorrir, mas seus olhos estreitos ficaram um pouco inquietos de repente.”

O que Derrida propõe, diante da aporia, é uma **ética da hospitalidade** em que prevaleça uma relação de alteridade ou de singularidade com o outro, como bem exemplifica a situação de Thi Chin e Mondo. Apesar das poucas informações, a vietnamita sabe quem é Mondo e pode, depois de apenas duas perguntas, perceber que não se trata de um parasita, pode até mesmo ver semelhança entre os dois, como o fato de não serem originários dali. Nota-se, contudo, que a hospitalidade incondicional na relação empreendida entre Mondo e Thi Chin não foi possível. Para a vietnamita acolher o menino, foi preciso que ela lhe fizesse algumas perguntas. É possível verificar também que a hospitalidade de Thi Chin foi influenciada pela hospitalidade incondicional e, portanto, uma nova lógica de hospitalidade foi criada na relação dos dois. Fernanda Bernardo (2002) afirma que, quando a possibilidade da hospitalidade incondicional é considerada na hospitalidade instituída, essa nova lógica acaba reinventando também os campos jurídico e político:

a inevitabilidade da contaminação da ética da hospitalidade pelo político-jurídico, salienta também a re-invenção do político e do jurídico por esta mesma ética da hospitalidade, ou seja, pela anterioridade anacrônica e alógica d'A Lei da hospitalidade, assim dando conta da própria re-invenção do cosmopolitismo. (BERNARDO, 2002, p. 444)

O que é proposto por Derrida é uma **ética da hospitalidade**, na qual a hospitalidade incondicional, sem imposição de condições nem pacto, deve ser levada em consideração. O que deve se estabelecer, portanto, são “alianças *para além* de um determinado Estado-nação, *para além* das fronteiras dos Estados-nações, numa palavra, *para além* da pólis na tradição grega ou pós-helênica que domina a politologia ocidental.” (BERNARDO, 2002, p. 427, grifo do autor).

De acordo com Bernardo, a nova **ética do cosmopolitismo** deve responder às urgências históricas do nosso tempo. Deve ser um cosmopolitismo que agrega uma promessa mais justa de hospitalidade, que acolhe sem reservas o outro e não apenas o cidadão. E, para que isso se efetive realmente, é preciso reinventar a hospitalidade em nome da hospitalidade incondicional, pura e hiperbólica. É preciso reinventar as normas, regras e leis (BERNARDO, 2002, p. 445).

A recusa de reinvenção das regras e normas é o problema enfrentado por Mondo, pois é uma criança de mais ou menos dez anos que não tem família, casa e não vai à escola. O menino não se encaixa nas regras cidadãs para uma criança, conforme a cultura ocidental determina. E, portanto, não há outra alternativa para o Estado senão tirá-lo da rua e levá-lo para um internato.

Depois de dois dias da internação do menino, Thi Chin resolve ir até a polícia e perguntar por Mondo. Chegando lá, eles logo lhe perguntam se ela é uma parente. Após responder negativamente, ela reformula dizendo que é uma amiga (LE CLÉZIO, 1978, p. 73). Depois de um silêncio passageiro, indignada, ela grita

que aquilo era injusto e que eles não tinham se dado conta do que foi feito com Mondo. No entanto, era ela que tinha desrespeitado o regimento das leis e das regras. Acolheu uma criança sem conhecer suas origens e sua situação social, não comunicou à justiça e ainda lhe permitia vagabundear pelas ruas sem ir à escola.

C'est vous qui ne vous rendez compte, madame, disait-il ; un enfant sans famille, sans domicile, qui traînait dans les rues avec les clochards, les mendiants, peut-être pire encore ! Qui vivait comme un sauvage, en mangeant n'importe quoi, en dormant n'importe où ! D'ailleurs on nous avait déjà signalé son cas, des gens s'étaient plaints, et ça faisait quelque temps qu'on le cherchait, mais il était malin, il se cachait ! Il était temps que tout ça finisse ! (LE CLÉZIO, 1978, p. 74)²⁸

Ainda que Thi Chin tenha tomado uma atitude ética acolhendo o menino incondicionalmente, o que ainda prevalece é a ordem do direito. Aos olhos da lei, não há outra coisa a fazer a não ser tratar o menino como um bárbaro, como um selvagem. A hospitalidade justa não é a hospitalidade de direito.

No entanto, o internato não é o destino final de Mondo. O menino coloca fogo no colchão em que dormia e aproveita a confusão gerada para fugir. Ele, que sempre buscou aqueles que o compreendiam de uma maneira singular, ou seja, incondicionalmente, não podia viver sob o regimento de leis e regras, justamente porque ele é um ser original, sem referências, sem propriedades, sem qualidades, sem particularidades, e isso causa estranhamento e transgride a ordem da lei.

Considerações finais

A ética da hospitalidade que o personagem impõe – acolher aquele que chega sem nenhuma referência – entra em contradição com o cosmopolitismo, que só recebe o cidadão, ou seja, aquele que está em conformidade com as regras e as leis. Contrário à lei que o obriga a ter casa, família, etnia e, principalmente, ser um cidadão, Mondo, que já possui em seu nome o radical da palavra francesa “monde”, mostra-se como um cidadão do mundo, conforme afirmam Évrard e Tenet, ao propor uma reflexão sobre a personagem a partir de seu nome, que

abraça o Todo, a totalidade das coisas e dos seres que existem. Essa universalidade da personagem poderia ser explicada pela ausência de traços singulares, de

²⁸ “É você que não se dá conta, senhora, disse ele; uma criança sem família, sem domicílio, que perambulava pelas ruas com os vagabundos, os mendigos, talvez ainda pior! Que vivia como um selvagem, comendo qualquer coisa, dormindo em qualquer lugar! Aliás, já haviam nos sinalizado o caso dele, as pessoas queixavam-se, e fazia algum tempo que a gente o procurava, mas ele era esperto, ele se escondia! Já estava em tempo de tudo isso acabar!”

signos particulares. Fonicamente, a terminação em “o”, consoante exótica, (em francês) distancia ainda mais o personagem para um outro lugar, longe do que ele está. Sob o plano gráfico, “o” que aparece como uma imagem de um círculo, assim como um mapa-múndi, redobra a ideia de “mundo” (ÉVRARD; TENET, 1994, p. 33).

Mondo inscreve seu destino como cidadão de lugar nenhum, instaurando uma realidade cosmopolita além da atual vigente, anunciando, assim, um cosmopolitismo por vir. Além disso, o menino não é regido pelas regras do mundo moderno, ele nos coloca diante de nossas origens, ou seja, diante do que existe anteriormente à razão, à lei, ao direito, às regras vigentes no mundo atual. É uma criança que não se deixa levar pelo excesso de racionalização do mundo moderno e por isso não frequenta a escola, aprende a ler a partir da materialidade que o rodeia, está interessado num saber oral transmitido pelas histórias contadas pelos seus amigos. Se inscreve, portanto, como um personagem originário que nos afasta do eurocentrismo e, principalmente, que sabe da importância da natureza, por isso opta por vivê-la em plena harmonia.

GONÇALVES, F. G. Back to the origins: “Mondo” by J. M. G. Le Clézio and the resignification of the current order. *Itinerários*, Araraquara, n. 53, p. 91-110, jul./dez. 2021.

- **ABSTRACT:** *This article proposes an analysis of the novel “Mondo” present in the collection *Mondo et autres histoires*, by Jean-Marie Gustave Le Clézio, published in 1978. It focuses on the experiences lived by the protagonist which question and resignify Eurocentric culture. With the support of Bhabha’s reflections, Le Clézio brings influences from the cultures of the peoples who were silenced in the past, notably the indigenous culture, to value them in the present time. It is noticeable, therefore, that the protagonist, dissatisfied with the Eurocentric culture, lives, like the native peoples, in perfect union with nature. Based on Derrida’s reflections about the ethics of hospitality, the way that Mondo’s arrival in the city questions the current legal-moral hospitality was also analyzed.*
- **KEYWORDS:** *J. M. G. Le Clézio. Postcolonial literature. City. Nature. Ethics of hospitality.*

REFERÊNCIAS

BERNARDO, F. A ética da hospitalidade, segundo J. Derrida, ou o porvir do cosmopolitismo por vir. A propósito das cidades-refúgio, re-inventar a cidadania (II). *Revista Filosófica de Coimbra*, Coimbra, v. 11, n. 22, p. 421-446, 2002.

BHABHA, H. K. Locais da cultura. *In*: BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves, 2. ed – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. p. 19-46.

CAMARANI, A. L. S. O espaço urbano em “Mondo” de J.- M. G. Le Clézio. **Lettres Françaises**, Araraquara, v. 2, n. 12, p. 225-237, 2012.

DERRIDA, J. **Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da Hospitalidade**. Tradução de Antonio Romane; revisão técnica de Paulo Ottoni. São Paulo: Escuta, 2003.

ÉVRARD, F; TENET, E. **Mondo. J.- M. G. Le Clézio**. Paris: Bertrand-Lacoste, 1994.

KADIOĞLU, Ş. J.- M. G. Le Clézio: refus de l’Eurocentrisme et l’appel de l’ailleurs. **Journal of Faculty of Letters**, Aralik, v. 24, n. 2, p. 123-138, 2007.

KONATÉ, Christophe-Édouard. **Le texte en perspective**. Paris: Gallimard, 2006.

LE CLÉZIO, J. M. G. **L’extase matérielle**. Paris: Gallimard, 1967.

LE CLÉZIO, J. M. G. Mondo. *In*: LE CLÉZIO, J. M. G. **Mondo et autres histoires**. Paris: Gallimard, 1978.

MAROTIN, F. **Mondo et autres histoires de J.M.G. Le Clézio**. Paris: Gallimard, 1995.

ROUSSEL-GILLET, I. Une oeuvre plurielle polyphonies des approches critiques. *In*: ROUSSEL-GILLET, I. **J.-M. G. Le Clézio: écrivain de l’incertude**. Paris: Ellipses, 2011.

